

**Assinatura Digital**

Notícia exclusiva e reservada para si



0



0



0



LUÍS TODO BOM



SOBRE O AUTOR

Investimentos e balança comercial: as variáveis que contam

LUÍS TODO BOM | 31 Janeiro 2016, 19:30

Apresentei, recentemente, numa conferência organizada pela Ordem dos Engenheiros sobre "Os Desafios Próximos da Economia Portuguesa" uma comunicação intitulada "Investimento e Balança Comercial: As Variáveis que Contam".

Nota: Este artigo está acessível, nas primeiras horas, apenas para assinantes do Negócios Primeiro.

A tese que procurei desenvolver e partilhar com os colegas da minha Ordem é simples e pode ser sintetizada do seguinte modo:

- A evolução do PIB - Produto Interno Bruto não é a variável adequada para avaliar a evolução da performance da economia portuguesa nos próximos tempos;
- A evolução positiva da economia portuguesa deverá ser suportada no investimento produtivo em bens e serviços transaccionáveis que promovam o aumento das exportações e, por essa via, o superavit da balança comercial;
- O crescimento do PIB, suportado no consumo, promoverá um aumento das importações, um deficit da balança comercial e o aumento do nosso endividamento externo, pelo que será uma má opção de política económica.

Mas o desdobramento desta síntese em termos mais analíticos convida-nos a reflectir sobre um conjunto de alíneas adicionais ligadas ao investimento e à balança comercial.

Na variável investimento, importa referir que:

- Devemos privilegiar os investimentos reais. em activos fixos (não-financeiros).

- Devemos privilegiar os investimentos reais, em activos fixos (não-financeiros), de capacidade e produtividade; captar investimento estrangeiro com incorporação de novas tecnologias e em grandes empresas (investimentos estruturantes); concentrar o investimento público nas infra-estruturas e o privado nas unidades produtivas; privilegiar a sua integração em "clusters", na indústria e serviços de alto valor acrescentado, em bens e serviços transaccionáveis e com inovação nos produtos, serviços, processos e posicionamento;
- Os programas comunitários - Horizon 2020 e Cosme, assim como o programa nacional Portugal 2020, devem ser utilizados, adoptando uma discriminação positiva, para este tipo de projectos;
- A atracção de investimento estrangeiro para grandes unidades estruturantes, replicando alguns bons exemplos actuais do país, deve constituir uma prioridade nacional.

Na variável balança comercial devemos concentrar-nos em:

- Aumento das exportações de alto valor acrescentado com incorporação de inovação tecnológica, para novos mercados e mercados exigentes, fomentando o aparecimento de grandes exportadores que desenvolvam alianças empresariais intermercados e utilizem eficazmente as cadeias de logística e de distribuição internacionais;
- Favorecimento das importações de equipamentos de produção, máquinas e ferramentas para a indústria e de veículos pesados para transporte de mercadorias e penalização fiscal de bens de consumo;
- Monitorar permanentemente a balança comercial, garantindo um superavit permanente.

Os últimos dados sobre estas duas variáveis são preocupantes.

O investimento caiu para níveis muito baixos, da ordem de 15% do PIB, as exportações em 2015 baixaram de 40% do PIB (a nossa ambição devia ser 60% do PIB!) e as importações aumentaram, sendo já claro um deficit na balança de bens que não deve ser possível compensar com a balança de serviços.

Se forem aprovadas medidas adicionais de apoio ao consumo interno, receio que a economia portuguesa volte a entrar numa trajectória divergente em relação à média europeia.

Professor Convidado Associado do ISCTE